
Editorial

Fui desafiada pelas editoras da Revista Informática na Educação: teoria e prática a organizar um número que contemplasse algumas das repercussões do pensamento de Humberto Maturana e de Francisco Varela nos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que habitam o campo interdisciplinar de abrangência desse periódico.

Lançado o convite, após o recebimento e a avaliação dos trabalhos, chegamos ao resultado que ora apresentamos aos leitores. Agradecemos a generosidade dos autores, ao disponibilizar seus textos à apreciação dos leitores. Do mesmo modo, agradecemos a disponibilidade e acuidade dos avaliadores dos artigos.

A obra de Maturana e Varela, fruto de uma grande colaboração inicial, foi se distanciando uma da outra, no decorrer dos anos 80. Esse primeiro momento tem sido nominado de Teoria da Autopoiese. A noção de autopoiese é considerada seu principal aporte e continua tendo importante reflexo em vários domínios de conhecimento. A partir da diferenciação de suas trajetórias, Humberto Maturana nomeia como Biologia do Conhecer o conjunto de sua obra. Do mesmo modo, Francisco Varela vai denominar sua contribuição de Teoria da Enação (Magro, 1999)¹. Os trabalhos aqui apresentados dialogam com diferentes momentos da trajetória dos autores, nem sempre fazendo-se necessária tal distinção.

Dois artigos traçam pontuações históricas inserindo a teoria da autopoiesis no movimento cibernético e em diálogo com a Filosofia. No texto “Da cibernética à autopoiesis: continuidades e descontinuidades”, a autora, Maria Clara Costa Oliveira, traz evidências de como a teoria da autopoiesis foi influenciada pela Cibernética, indicando a existência de continuidades e descontinuidades entre ambas. Ressalta o modo pelo qual a chamada “cibernética de 2ª ordem” foi especialmente importante ao postular a noção de observador. O segundo texto, intitulado “Reflexões sobre cognição/subjetivação no ciberespaço na perspectiva da complexidade”, de Nize Pellanda, debate como as noções de complexificação pelo ruído e de *autopoiesis* podem ser pensadas à luz das idéias de Espinosa. Ambas as autoras vinculam suas reflexões em diálogo com o campo da educação.

Christian Sade Vasconcelos, no artigo “Enação e metodologias de primeira pessoa: o reencantamento do concreto das investigações da experiência”, aprofunda uma discussão metodológica. Seu intuito é o de analisar o estatuto epistemológico das metodologias de primeira pessoa a partir da abordagem da enação. Propõe que é o caráter enativo dessas metodologias que abre a possibilidade do reencantamento do concreto, fornecendo um novo estatuto à experiência na pesquisa. Experiência que também é muito cara aos trabalhos desenvolvidos no campo da informática na educação.

Cinco artigos trazem aos leitores uma discussão que revisita conceitos já clássicos na psicologia – adaptação, corpo, atenção, aprendizagem, emoção - ou noções de outros teóricos – virtualização. Essa releitura, a partir dos aportes de Maturana e/ou Varela, possibilita reinventar esses conceitos com outras potências. O exercício de retomada conceitual é importante para campos potencialmente interdisciplinares, nos quais as transposições são eminentemente criadoras. No trabalho “Contribuições da abordagem autopoietica-enativa ao conceito de adaptação psicológica”, Beatriz Sancovschi coloca em análise a noção da adaptação como ajustamento do organismo ao meio ambiente. É a partir das contribuições de Maturana e Varela, mostrando muito mais a sintonia e composição com o meio. Laura Pozzana de Barros, no artigo “Um estudo teórico sobre a noção de corpo: articulações com Merleau-Ponty e Francisco Varela”, sustenta que, com Merleau-Ponty, através de seu conceito de *corpo próprio*, e Francisco Varela, com o conceito de *corpo presente*, é possível superar o clássico

1 MAGRO, Maria Cristina. Linguajando o linguajar - da biologia à linguagem. Tese apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, 1999.

dualismo mente-corpo. No texto “Contribuições de Francisco Varela ao estudo da aprendizagem inventiva em sala de aula”, Regina Orgler e Maria Helena De-Nardin discutem as vicissitudes das aprendizagens recognitiva e inventiva e os tipos de atenção que acompanham essas concepções sobre o aprender. Jerusa Machado Rocha, no artigo “A gênese afetiva da emoção e da cognição na consciência”, analisa a contribuição de Varela e Depraz sobre a teoria do afeto, mostrando pontos de aproximação e afastamento das concepções de E. Husserl e W. James. Na interlocução entre esses autores conclui que o domínio afetivo se coloca como elemento genético das emoções e dos conteúdos cognitivos do sujeito. O artigo “A virtualização e a *autopoiesis*: convergências conceituais sobre a criação de si e da realidade”, de Eliane Arbusti Fachinetto, busca produzir uma interlocução entre as noções de autopoiesis e de virtualização capaz de sustentar teórica e metodologicamente intervenções no campo da educação.

Três artigos enfatizam como o trabalho dos autores, em foco na revista, potencializa modos de abordagem para a construção de conhecimento e de políticas de intervenção no campo da diferença e da saúde mental. Embora o campo de abordagem esteja bem delimitado, acreditamos que as reflexões teóricas e as conseqüentes implicações metodológicas tragam importante contribuição a outros campos, tais como o da informática na educação. No artigo “A abordagem da enação no campo da deficiência visual”, Maria Clara de Almeida, Virginia Kastrup e Felipe Carijó evidenciam como a abordagem cognitivista – pautada no processamento da informação, no modelo da representação – contribui para a manutenção de um paradigma visuocêntrico. Para os autores, o trabalho de Varela traz uma nova contribuição ao campo de estudos da deficiência visual ao focar a auto-produção e o co-engendramento do sistema e do domínio cognitivo da percepção e da ação. Graziela Lopes e Cleci Maraschin, no trabalho “Tecnologias videográficas como dispositivos para o exercício da cognição enativa”, discutem alguns efeitos da utilização dessas tecnologias em oficinas inseridas em uma proposta de pesquisa-intervenção, em um centro de saúde para usuários de substâncias químicas. A avaliação da experiência permite observar que a ampliação nos modos de conversar, promove a experiência de um tempo gerúndio - do acontecendo - no qual se desdobra um virtual inusitado à rede de conversação estabelecida institucionalmente. O vídeo não existe somente como registro da experiência, mas como desdobramento de criação, como um modo distinto de linguajar. Em uma perspectiva semelhante ao trabalho anterior, Deisimer Gorczewski, no texto “Contribuições de Humberto Maturana e Francisco Varela para a Pesquisa em Comunicação”, discute algumas contribuições desses autores para a pesquisa-intervenção em comunicação. Ressalta-se a pertinência do método de “observar” em oficinas de vídeo e cinema, na perspectiva de constituir práticas diferenciadas nos modos de cartografar processos de produção de subjetividade.

Quatro dos trabalhos aqui publicados tomam com centralidade a discussão das contribuições dos autores ao campo da educação. Em três desses trabalhos a discussão inclui as TIC. No trabalho, “Refletindo sobre processos educativos em ambientes virtuais à luz da Biologia do Conhecer”, Eliana Maria Sacramento Soares e Jane Rech apresentam modos como a Biologia do Conhecer pode contribuir nos estudos dos processos educativos que podem surgir em ambientes de aprendizagem suportados por tecnologias digitais. Sheyla Rodrigues, no artigo “Engendramento coletivo-singular na formação de professores”, analisa as transformações nos saberes e práticas docentes decorrentes de uma experiência em redes de conversação suportadas por tecnologias digitais. Mostra como tal experiência faz emergir um outro coletivo capaz de ressingularizar modos de pensar e agir na docência. O artigo “Formação inventiva de professores e políticas de cognição”, de Rosimeri Oliveira Dias, põe em foco o aprender e o desaprender na formação de professores, pensando-a como um campo de relação de forças. Tal noção implica a pensar uma formação inventiva que oportunize uma política geradora de experiências, pequenas invenções e não uma prescrição replicável. Em “Cooperação: uma prática solidária e ambiental”, Berenice Vahl Vaniel e Débora Pereira Laurino refletem sobre as possibilidades da emergência de um trabalho coletivo e cooperativo a partir da metodologia de projetos de aprendizagem na educação ambiental. Para tal se valem dos conceitos envolvidos no processo de cooperação como: respeito mútuo, escuta ao outro, autonomia e solidariedade com base nas teorias de Piaget, Maturana e Varela.

O artigo "A Percepção na Perspectiva da Biologia do Hominizar", de Heródoto F. Bento-DeMello e Francisco Antônio Pereira Fialho, enfatiza o devir humano – hominizar – como resultante do acoplamento a domínios particulares nos quais sujeitos e mundos são co-engendrados. A partir dessas relações, teorias propõem o desenho de modos de observação efetivos – design matrístico – como proposta de intervenção nesse processo.

O artigo "Imunologia, intencionalidade e acaso", de Nelson M. Vaz e Cláudia R. Carvalho, demonstra como a teoria também é potente em um campo distinto dos até agora discutidos: a imunologia. Para os autores, a noção de autopoiese no domínio da imunologia, além de efeitos teóricos - ao permitir redefinir a natureza da imunopatologia -, é capaz de propor um novo mecanismo de ação para as vacinas anti-infecciosas. Assim, é possível evidenciar que, seja nos campos da educação, da psicologia ou da imunologia, os aportes dos teóricos trazem fecundos processos de recriação teórica, metodológica e de intervenção.

No *Em Foco*, o texto "Acoplamentos, vínculos e deficiência visual: sobre um vetor de atravessamento", Virgínia Kastrup e Alexandra Cleopatre Tsallis discutem um deslocamento produzido, tanto por Francisco Varela, como por Bruno Latour, no conceito de relação. Segundo as autoras, ambos deslocam a noção de relação, entendida como ligação entre pólos pré-existentes, em favor de noções como rede, acoplamento estrutural e vínculo, que possibilitam pensar processos imanentes de invenção do mundo, envolvendo humanos e não- humanos. Creemos que as relações propostas pelas autoras, além de importantes para os estudos sobre deficiência visual, como comentam, são de extrema relevância para estudos que discutem o acoplamento com as tecnologias. A relação entre humanos e não-humanos tem se constituído em um dos eixos principais de discussão e análise desta revista.

Na expectativa de que os textos aqui reunidos contribuam para que as obras de Maturana e Varela sigam fazendo questão, desestabilizando e desafiando o trabalho de muitos outros, desejamos uma boa leitura a todos.

Cleci Maraschin
Editora associada